

a
dANÇA
da trindade



Christopher Walker

Christopher Walker

A Dança da Trindade

1ª edição

Americana/SP
Impacto Publicações
2015

Este texto foi adaptado de uma palestra dada por Christopher Walker no Encristus 2014 (Encristus: Encontro de cristãos na busca de unidade e santidade – www.encristus.com.br). Agradecimento especial a Luiz Roberto Cascaldi (luizcascaldi@terra.com.br) por seu trabalho de transcrição da gravação e compilação.

Copyright © 2015 por Impacto Publicações
Todos os direitos reservados

Revisão
Renata Balarini Coelho

Capa e Diagramação
Impacto Publicações

1ª Edição - Fevereiro de 2015
Impacto Publicações

Este texto pode ser citado ou reproduzido, desde que mencionada a fonte, com endereço postal e eletrônico.

Para os textos bíblicos, foi usada a versão
Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida.
Algumas palavras ou frases foram colocadas
em negrito para dar mais destaque.

IMPACTO PUBLICAÇÕES
Telefone: (19) 3462.9893
www.revistaimpacto.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
Quem é seu Deus?	05
CAPÍTULO 2	
A Trindade em Gênesis	13
CAPÍTULO 3	
A dança da Trindade no evangelho de João	20
CAPÍTULO 4	
Amor, vontade própria e unidade	25
CAPÍTULO 5	
Glória e unidade	29

1

QUEM É SEU DEUS?

É importante entender a doutrina da Trindade?

Para a maioria das pessoas, a palavra *Trindade* é apenas um termo teológico que não diz muita coisa a respeito do cotidiano de sua fé. O termo nem se encontra na Bíblia e só surgiu quase dois séculos depois de Cristo (o primeiro documento conhecido que usa a palavra *Trindade* para descrever a natureza de Deus foi escrito por Tertuliano, um dos pais da Igreja).

Nos primeiros séculos do Cristianismo, como sabemos, as doutrinas relacionadas à natureza de Cristo (divina e humana) e à trindade de Deus ocuparam o centro das discussões eclesiais. Só depois de muitos debates, concílios e até divisões entre teólogos e líderes da igreja é que se chegou a uma definição oficial dessas bases tão importantes para nossa fé. Dentre as diversas evidências da “mão de Deus” na história da Igreja, além da própria preservação das Escrituras Sagradas (mesmo sem os documentos originais), podemos apontar os acordos teológicos dos primeiros concílios sobre a Trindade e sobre a natureza humana e divina de Cristo como verdadeiros milagres. Ao mesmo tempo em que os relatos históricos revelam sinais de carnalidade,

disputa pelo poder, argumentos baseados em raciocínio humano e tantas outras imperfeições, as doutrinas e os credos formulados representaram marcos incríveis que estabeleceram fundamentos sólidos que permanecem até hoje.

Por mais importante que tenha sido formular a *doutrina* correta naquelas ocasiões históricas, ainda há uma grande distância entre doutrina e experiência. Grande proporção dos cristãos comuns (tanto católicos quanto protestantes e evangélicos) considera questões relacionadas à Trindade assunto exclusivo de teólogos e clérigos ou até mesmo desnecessário à sua fé. Entretanto, se tais doutrinas descrevem quem Deus é, evidentemente suas implicações vão muito além da constituição de uma fórmula correta para orações, bênçãos e batismos e deveriam ser de grande interesse para todos nós. Afinal, precisamos ter uma compreensão mínima da natureza de Deus para relacionar-nos com ele. O termo *Trindade* não se encontra na Bíblia porque o objetivo de Deus nunca foi estabelecer doutrinas no sentido de conceitos ou definições mentais como base do nosso relacionamento com ele. Ao contrário, podemos ver evidências da triunidade divina desde as primeiras páginas das Escrituras, porém sempre numa linguagem mais pessoal e familiar, dentro de uma narrativa histórica, em que Deus vai se revelando gradativamente.

Evidentemente, não teríamos espaço neste pequeno texto para fazer uma análise mais abrangente ou aprofundada desse mistério da Trindade, embora tal fundamentação se faça cada vez mais necessária diante da falta de ensinamento e ênfase nas igrejas hoje. Queremos apenas mostrar a importância da triunidade de Deus para nossa experiência cristã, especialmente na dimensão coletiva, como igreja.

Somos monoteístas?

O primeiro ponto que queremos ressaltar é que algumas correntes do Cristianismo, mesmo professando a doutrina trinitária, passaram a relacionar-se com Deus (especialmente em tempos recentes) como se fossem unitárias. Para entender esse fenômeno num contexto mais amplo, seria útil comparar o conceito que as três grandes religiões monoteístas, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, têm de Deus e as implicações em sua prática.

Das três, o Judaísmo não apenas é a mais antiga, mas também forneceu a base para as outras duas (de modo bem direto para o Cristianismo e de modo indireto para o Islamismo). De acordo com a Bíblia, o culto a um só Deus era o único conhecido no início da história humana. Porém, como consequência do pecado e da degeneração progressiva da humanidade, antes e depois do dilúvio, o politeísmo tomou conta do mundo e é considerado por historiadores e antropólogos hoje como a prática religiosa mais antiga e natural para o homem primitivo.

Por isso, foi um passo tremendamente inovador e revolucionário Abraão deixar sua parentela e a cultura politeísta para seguir um único Deus. Séculos depois, Deus se revelou como o EU SOU para Moisés, que transmitiu ao seu povo a famosa exortação de Deuteronômio 6.4 conhecida como o *Shemá*: “Ouve, Israel, o Senhor, teu Deus, é o único Senhor”, ou, como os judeus normalmente o traduzem: “Ouve, Israel, Adonai é nosso Deus, Adonai é Um”. Recitado pelos judeus mais devotos duas vezes por dia, o *Shemá* é considerado sua mais importante confissão de fé. Assim como os muçulmanos são conhecidos pela afirmação “Não há outra divindade senão Alá”, o *Shemá* é a base da fé judaica.

A princípio, é possível concluir que essas três religiões monoteístas têm muita coisa em comum, especialmente o fato

de serem em um só Deus. O Cristianismo e o Judaísmo têm muitos outros elementos em comum por aceitarem as mesmas Escrituras do Velho Testamento; até o Islamismo aceita alguns dos patriarcas e profetas hebreus que são citados no seu texto sagrado, o Alcorão. Há poucos anos, alguns islamitas tentaram encontrar outros elementos em comum com o Cristianismo para facilitar o diálogo, como a aceitação dos dois grandes mandamentos citados por Jesus (Mt 22.37-40). Existem atualmente várias iniciativas para ampliar esse diálogo, facilitar contato e compreensão entre cristãos e muçulmanos e diminuir atitudes de ódio e perseguição de ambos os lados.

É claro que existem grandes divergências quanto à base de fé de cada religião, mas não quero discuti-las aqui, especialmente porque ressaltar diferenças só contribui para aumentar a distância e a inimizade entre uma e outra. Quero ressaltar somente a questão do conceito de Deus para analisar como isso influencia todos os demais aspectos da fé. Apesar do ponto em comum de todas as três acreditarem num único Deus, o Cristianismo (em sua versão autêntica e original) apresenta, por meio da visão trinitária de Deus, um conceito radicalmente distinto em relação às outras duas, com implicações revolucionárias. Com isso, o Judaísmo e o Islamismo concordariam, pois ambas acusam o Cristianismo de ter-se desviado do monoteísmo por defender a existência de três deuses (a Trindade), não apenas um.

Com base nisso, quero até fazer um questionamento radical: *o Cristianismo pode realmente ser considerado monoteísta no mesmo sentido das outras duas religiões?*

Comparação das religiões monoteístas

Para o cristão, seu maior diferencial em relação a qualquer outra religião é a Pessoa de Jesus, o Deus que veio em carne, rejeitado como figura divina tanto por judeus quanto por muçulmanos. Porém, o que os próprios cristãos nem sempre percebem é que o monoteísmo dessas religiões não revela o verdadeiro caráter de Deus, mesmo que todos concordassem com sua unicidade.

Veja, em primeiro lugar, os judeus. Em geral, eles não conseguem entender aspectos essenciais da natureza de Deus como perdão, graça e salvação. Por isso, apesar de entenderem muitas coisas sobre a santidade, a grandeza e a sabedoria de Deus, geralmente não conseguem vislumbrar ou experimentar um relacionamento de intimidade com ele.

Já, para os muçulmanos, Alá (que é um nome genérico para a divindade, assim como o nosso termo *Deus*) é todo-poderoso, exige submissão absoluta, obras de justiça e vingança sobre aqueles que não lhe obedecem. Além de exigir obras boas, é ele quem predetermina quem será salvo e quem será condenado. Nem os seguidores mais devotos podem ter certeza da salvação, porque, no juízo final, ao pesar numa balança as obras boas e as obras más, é possível que as más venham a ter um peso maior. Além disso, pode ser que Alá já tenha determinado sua condenação. De acordo com o Alcorão, nem Maomé tinha certeza de sua salvação (Sura 31:34; 46:9; veja também 7:6-9; 57:22). O relacionamento com Alá geralmente é regido mais por temor; para os muçulmanos não é possível alcançar uma intimidade com Deus como se pode ter entre um pai e um filho. Para aqueles que fazem uma interpretação mais radical do Alcorão, a única maneira de ter certeza de salvação é ser mártir, é morrer matando infieis (Sura 3:191).

Por causa da Nova Aliança em Jesus, os cristãos receberam uma revelação bem diferente de Deus. Para eles, Deus não é apenas santo e justo, mas também amoroso e misericordioso. Jesus revelou o caminho, não apenas ao Pai, mas à inclusão numa família, como veremos um pouco adiante. Sem essa revelação, tanto o Judaísmo quanto o Islamismo permanecem com um conceito limitado, com um abismo intransponível entre o homem e Deus.

Minha intenção com essa comparação, porém, *não é fomentar o senso de crítica, rejeição ou superioridade por parte dos cristãos*. É mostrar que, na verdade, a maioria dos próprios cristãos, apesar de *confessar* a doutrina da Trindade, *pratica* um culto monoteísta, ou seja, tenta relacionar-se com Deus como se ele fosse um ser unitário, não triúno. Por outro lado, quando defendem a Trindade como doutrina, os cristãos podem cair facilmente num *politeísmo prático*, tratando as três pessoas como se fossem três deuses separados. Tanto de uma quanto de outra forma, colocam-se numa base falsa, semelhante, em alguns aspectos, àquela que condenam nas outras religiões.

Seu conceito de Deus determina a prática de sua fé

De acordo com o teólogo alemão contemporâneo, Jürgen Moltmann, para a maioria dos cristãos ocidentais hoje, tanto católicos quanto protestantes, o fato de Deus ser uno ou triúno não faz diferença alguma à sua experiência prática. A fé, que deveria ser um relacionamento vivo e interpessoal com Deus, tornou-se um meio unilateral de conseguir benefícios para si mesmo. O outro lado do relacionamento, o lado de Deus, permanece desconhecido e quase ignorado. Ele só tem a função de determinar minha salvação e meu bem-estar pessoal. Assim

sendo, meu “eu” passa a ser o centro, o fator constante, e Deus se torna a variável. É isso que estamos chamando de conceito *monoteísta* de Deus: uma representação que não corresponde ao real, nem proporciona o relacionamento vivo e dinâmico que Jesus veio trazer.

O nosso conceito de Deus determina, de maneira poderosa, a forma como nos relacionamos não só com ele, mas também com o nosso próximo. Os habitantes originais da terra de Canaã, no Antigo Testamento, tornaram-se depravados porque adoravam Baal e Astarote, deuses que representavam provisão, chuvas e fertilidade, mas que eram representados por símbolos sexuais e cultuados por ritos de sensualidade e orgias. Apesar de toda a sofisticação da razão humana nos nossos dias, com sua tendência de rejeitar verdades absolutas e fé num Deus pessoal, estamos testemunhando, em proporções cada vez mais dramáticas, como a devoção radical a um deus criado por conceitos falsos e ideias humanas pode transformar seus seguidores em pessoas sem coração, cujo alvo é dominar povos, nações e até o mundo inteiro, capazes de praticar atos absurdos e cruéis, como atentados terroristas que matam dezenas de inocentes.

Isso não acontece somente com os seguidores de falsos deuses. Os judeus transformaram Deus num soberano que exigia obediência a regras exteriores e se tornaram arrogantes e exclusivistas. Os cristãos já criaram e continuam mantendo vários conceitos limitados e deturpados: um Deus que escolhe um pequeno grupo selete e não zela por toda a humanidade, que concede bênçãos e prosperidade a alguns, enquanto outros sofrem falta e miséria, ou um Deus que aceita tudo e todos e não requer transformação alguma, além de vários outros. Temos inúmeros exemplos, tanto no passado quanto no presente, de abuso, violência, exploração e injustiça praticados por cristãos no nome de Deus. Que conceito de Deus gerou esse tipo de comportamento?

Por isso, entender como Deus realmente é não é assunto de pequena importância. Nós nos tornamos semelhantes àquilo ou àquele que adoramos (veja Sl 115.8). Se pudermos ver a beleza do relacionamento íntimo entre as pessoas da Trindade, seremos transformados à sua imagem. Precisamos redescobrir nosso senso de assombro e maravilha diante do mistério divino, sem ficar atolados em discussões abstratas e filosóficas e sem reduzir tudo a fórmulas racionais. Contemplar a Deus não precisa ser uma experiência mística, desvinculada da prática diária; pode ser uma chave maravilhosa para revolucionar nossa vida individual e coletiva, de forma profunda e radical.

2

A TRINDADE EM GÊNESIS

O Deus único do Shemá

“Ouve, Israel, o Senhor, teu Deus, é o único Senhor” (Dt 6.4). Esse texto não pertence somente aos judeus; pertence também aos cristãos. É a frase que introduz o mandamento considerado por Jesus o primeiro e maior de todos: *“Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força”* (v.5; Mt 22.36-38). Se Deus é um só, como podemos acreditar na Trindade?

É importante aqui considerar o significado da palavra hebraica usada nesta passagem para dizer que Deus é “único” ou “um só”. É a palavra *echad* que significa unificado, uma unidade composta de várias partes. Embora seja utilizada em alguns textos bíblicos como o numeral um (*“uma das suas costelas”* – Gn 2.21), na maioria das outras representa a ideia de uma unidade composta. Em Gênesis 2.24, por exemplo, temos um exemplo muito bom disso: *“Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”*. Duas pessoas separadas se tornam uma, unificadas (*echad*) por meio do casamento. Veja outro exemplo: *“E o Senhor disse: Eis que o*

povo é um [echad]” (Gn 11.6). Da mesma forma, nosso Deus é *echad*, um só, um único Deus, mas composto de três pessoas.

Existe outra palavra no hebraico que também significa um ou único, que é *yachid*. Essa palavra nunca é usada na Bíblia para se referir a Deus. Quase sempre traz a ideia de singularidade e pode conter o sentido de estar sozinho ou solitário. Um bom exemplo do uso desta palavra está em Gênesis 22.2: “*Toma teu filho, teu único filho, Isaque...*”. Veja também: “...*pranteia como por filho único*” (Jr 6.26); “*Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito*” (Sl 25.16).

Evidentemente, há quem conteste essa interpretação. Afinal, a palavra *echad* pode ser usada também para se referir a uma unidade no sentido único ou individual. Por isso, não pode ser usada para constituir uma *prova* da triunidade de Deus, apenas serve como uma das diversas evidências que a *confirmam*.

“Reunião de cúpula” na criação

Existem várias outras evidências de pluralidade na divindade, já nas primeiras páginas das Escrituras. Para começar, o primeiro nome usado para Deus, encontrado no primeiro versículo da Bíblia (“*No princípio, criou Deus os céus e a terra*”), é *Elohim*, que é a forma plural do nome genérico para Deus, *El*. Juntamente com o nome no plural, o verbo é usado no singular, mostrando um Deus plural agindo como um só. Vemos, também, em Gênesis 1.2 o *Espírito* de Deus se movendo sobre a face das águas, como distinto, de certa forma, de Deus, mas parte da mesma divindade.

Outra vez, os judeus interpretam o nome *Elohim* ou *Adonai*, ambos no plural, como apenas uma demonstração de majestade e grandeza. Essas mesmas palavras podem ser usadas para se referir

a uma autoridade ou personagem de respeito (exemplo: Abraão é chamado de *elohim* ou *príncipe* pelos filhos de Hete em Gênesis 23.6). Entretanto, esses usos são bem mais raros nas Escrituras.

Um fato bem singular pode ser observado também nos primeiros capítulos de Gênesis: em três ocasiões diferentes, Deus fala a respeito de si mesmo no plural (“nós”).

A primeira dessas ocasiões é especialmente dramática e significativa. Encontra-se em Gênesis 1, no relato do sexto dia da criação, e é um texto muito familiar. Durante todo o processo da criação, até este ponto, vemos a repetição de um padrão: (1) Deus diz “haja...”, (2) algo antes inexistente aparece e (3) Deus observa e aprova, dizendo ser bom. Assim aconteceu na criação da luz, das estrelas e de todas as variedades de plantas, peixes e aves. No sexto dia, Deus cria os animais terrestres, seguindo o mesmo padrão. Depois de ver que esses também eram bons, ele anuncia mais um ato de criação. Antes que possa encerrar “toda sua obra” e descansar no sétimo dia, falta mais um item na sua lista.

Entretanto, não é um item qualquer. Para este ato de criação, ele faz algo totalmente inédito. Ele nunca havia parado até então para conversar ou consultar alguém. Nesse ponto, porém, de acordo com Gênesis 1.26, Deus faz uma pausa para conversar sobre seu próximo passo. Com quem ele conversou? Pelo contexto, não foi com os anjos, porque os anjos não criaram nada, nem foram incluídos nesse processo. Deus conferiu com alguém que estava criando juntamente com ele. *“Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...”*.

O que você sente quando lê a respeito desse momento especial na sequência da criação? Tudo estava acontecendo de maneira maravilhosa, seguindo um padrão ordenado e regular. Nesse ponto, no meio do sexto dia, Deus interrompe a sequência e chama uma “reunião de cúpula”. Não é que ele esteja indeciso,

nem inseguro sobre o que deva fazer. A implicação é que está prestes a acontecer o ato mais importante, mais assombroso de toda a criação. Ele conversa com as demais pessoas da Trindade porque seria o ponto culminante de tudo o que fizeram até ali. Eles vão criar um ser vivo que trará a imagem e a semelhança da própria divindade. Toda a criação será governada por essa criatura especial. Para isso, o homem seria imbuído da mesma natureza da divindade; se assemelharia, não a um Deus individualista, centrado em si mesmo como um indivíduo solitário, mas a um Deus comunitário, que vive para se doar, que governa entregando-se em favor daqueles que lhe são sujeitos.

Veja como isto é significativo: no primeiro capítulo da Bíblia, já vemos a Trindade: “**Façamos** o homem à **nossa** imagem, conforme a **nossa** semelhança... **homem e mulher** os criou”.

Tudo o que Deus criou antes disso já expressava, de alguma forma, a sua natureza e o seu esplendor. Cada planta, cada borboleta e cada peixe exclamam algo sobre ele. Cada ser vivo com suas características variadas e singulares desponta um vislumbre de seus atributos. Desde o astro gigantesco no espaço sideral em translação até a molécula submicroscópica de simetria perfeita e desenho requintado, todos revelam algo sobre a natureza, a sabedoria e a beleza de Deus. “*Os céus proclamam a glória de Deus...*” (Sl 19.1). Nenhum deles, porém, possui a imagem de Deus; somente o homem recebeu esse privilégio e essa responsabilidade.

Deus é três, mas ao mesmo tempo é um só. Ora fala de si mesmo no plural (v.26: “*façamos o homem à nossa imagem*”), ora no singular (v.27: “*criou Deus o homem à sua imagem*”). Esse Deus resolve criar um ser vivo capaz de mostrar quem ele é – ou quem eles são! E que ser vivo foi esse que criaram? Um homem que também é composto, porque, conforme a imagem da Trindade, foi criado **homem e mulher**. Deus fez o homem,

mas a mulher já fazia parte dele, pois foi tirada do seu interior. *“E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada”* (Gn 2.23). Depois, esses dois seres distintos se tornam uma só carne (Gn 2.24). Só assim poderiam revelar de fato quem Deus é e como ele é.

Quando leio Gênesis 1.26, sinto-me como se estivesse em terra santa. Preciso tirar as sandálias dos pés. Estou diante de um Deus misterioso, tremendo, infinito, sábio, todo-poderoso. Depois de ler como esse Deus criou os céus e a terra, os firmamentos, “as obras de suas mãos”, e também os seres vivos, alguns deles minúsculos, outros imensos, falo com o salmista: *“que é o homem, que dele te lembres”* (Sl 8.4)? Ao mesmo tempo, pasme-se, esse homem, que não é nada em comparação ao Deus criador, foi projetado numa conversa especial da Trindade para representá-la e expressá-la na criação! Não sou ninguém; no entanto, sou um projeto especial de Deus!

Outras deliberações trinitárias em Gênesis

Em mais duas ocasiões, Deus refere a si mesmo como “nós” no livro de Gênesis. Em ambas, sugere uma conversa, uma conferência na Trindade diante de um fato muito sério. A primeira foi depois do primeiro pecado, no jardim do Éden: *“Então, disse o Senhor Deus: Eis que o homem se tornou como **um de nós**, conhecedor do bem e do mal...”* (Gn 3.22).

Houve uma crise que exigiu uma deliberação na Trindade. O homem foi criado à imagem de Deus, mas caiu na armadilha de tentar ser igual a Deus. O que fariam com ele agora? Deixariam que tivesse acesso à árvore da vida?

A segunda ocasião foi na torre de Babel: *“E o Senhor disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é ape-*

*nas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer. Vinde, **desçamos e confundamos ali a sua linguagem**” (Gn 11.6,7). Outra vez, Deus ficou alarmado com o potencial perigoso do homem que se afastou do projeto original de sua criação. O povo estava unido, porém queria fazer um nome para si mesmo. Vemos aqui o poder da unidade, mesmo quando não tem uma motivação certa: o próprio Deus alerta para o perigo de um povo unido em torno de si mesmo. Não haveria limite para suas intenções. Qualquer coisa que pensassem em fazer (mesmo em desarmonia com Deus) lhes seria possível. Por isso, Deus convocou a Trindade para descer juntos e tomar uma medida urgente.*

Lembre-se: para os judeus ortodoxos e para as diversas correntes que não aceitam a natureza trinitária de Deus, todos esses textos possuem outra explicação, apontando apenas para a majestade e a diversidade multiforme de um Deus único. Além disso, argumentam, os homens que foram usados por Deus para preservar esses relatos e transmiti-los de geração em geração provavelmente não tinham uma revelação consciente da Trindade quando usavam, por exemplo, pronomes no plural para referir-se a Deus. Apesar de respeitar tais interpretações, porém, isso em nada invalida a visão que estamos apresentando, pois, com a vinda de Jesus, centenas de verdades encobertas nos tempos antigos passaram a ser vistas com nova percepção. Quantas figuras, profecias e até aparições divinas no Antigo Testamento foram interpretadas por Jesus de maneira nova no caminho de Emaús (Lc 24.25-27) e para todos os seus discípulos (Lc 24.44,45)! Semelhantemente, essas evidências da Trindade em Gênesis, mesmo que não tenham sido interpretadas dessa forma pelo autor humano, podem ser plenamente compreendidas assim à luz do Novo Testamento.

Portanto, meu apelo é que não façamos do Cristianismo uma religião monoteísta que reduza Deus a uma só pessoa como se a

Trindade significasse apenas três manifestações ou modos de ser. De outra forma, como poderíamos conhecer a Deus? Se Deus é amor (1 Jo 4.8), ele não passou a amar a partir da criação do homem (“agora tem o homem, agora posso amar”): ele ama eternamente porque essa é a sua essência. Entretanto, o amor não existe em um ser solitário. Se Deus não fosse triúno, como poderia amar na eternidade? E se o Filho não é distinto do Pai, se no fim são todos a mesma pessoa, não teria sentido dizer que um ama o outro. É como se eu falasse que amo minha cabeça ou minha mão, ou ainda minha capacidade criativa. Pelo contrário, o Pai ama o Filho eternamente, o Filho ama o Pai e o Espírito ama o Pai e o Filho. É dessa forma que se tornam um.

Assim como Deus é plural, ele fez o homem para ser plural também, para refletir a mesma natureza de amor e unidade. E é por isso que não podemos experimentar Deus em realidade se permanecermos num relacionamento monoteísta que não reconhece o mistério da triunidade divina.

3

A DANÇA DA TRINDADE NO EVANGELHO DE JOÃO

Uma relação complexa

No Novo Testamento, o livro que mais revela a Trindade, mesmo não usando esse termo, é o evangelho de João. E a parte do livro que mais descreve o relacionamento entre Pai, Filho e Espírito Santo são os capítulos de 14 a 17. Conhecido como o “Discurso do Cenáculo”, esses capítulos preciosos registram as últimas palavras de Jesus com seus discípulos e sua última oração por eles antes da crucificação.

Os discípulos ficaram tristes porque Jesus acabara de lhes dizer que estava partindo. Cheio de ternura e cuidado por eles (*“Não se turbe o vosso coração...”*), Jesus logo começou a falar-lhes da casa do Pai, das moradas que teriam ali, junto a seu amado Mestre, e do caminho que teriam de percorrer para chegar lá. Não era a primeira vez, obviamente, que Jesus lhes falava do Pai. Desta vez, porém, os discípulos resolveram fazer uma pergunta que nunca tinham tido coragem de fazer. Ao invés de Pedro, que geralmente tinha mais ousadia para expressar o que todos estavam pensando, o porta-voz dessa vez foi Filipe. “Basta de rodeios e enigmas: mostre-nos o Pai e ficaremos satisfeitos. Não o descreva mais, apenas mostre-nos quem é.”

Se Filipe estava demonstrando um pouco de impaciência com tantas referências ao Pai como se eles já devessem conhecê-lo, a resposta de Jesus revela decepção da parte dele: “Há quanto tempo estou com vocês, e vocês não *me* conhecem ainda?”.

Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.

(Jo 14.8-11)

Será que Filipe entendeu melhor depois da resposta de Jesus? Ou ficou ainda mais confuso? Jesus estava tentando mostrar como era seu relacionamento com o Pai e por que ele podia dizer que os dois eram um só. Porém, os discípulos não entenderam, porque a mente racional tem muita dificuldade para visualizar esse tipo de situação. Por exemplo, você pode tentar representar a relação entre Jesus e o Pai por meio de um diagrama. Se Jesus está no Pai, um círculo grande pode representar o Pai e outro menor, dentro do primeiro, representará Jesus. Mas aí vem a segunda parte: o Pai também está em Jesus! Não dá para mostrar as duas coisas ao mesmo tempo. É impossível.

Um pouco depois, no discurso, o quadro se complica ainda mais:

Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós.

(Jo 14.20)

Jesus está dizendo que ele veio para que a mesma relação que tem com o Pai seja ampliada a fim de incluir os discípulos. Ou seja: “Eu estou no Pai, ele está em mim, eu estou em vocês e vocês estão em mim!”. É algo realmente impossível de representar ou entender com a mente racional.

***Pericorese* – uma dança divina**

Além da palavra *Trindade*, criada para representar a pluralidade da divindade (embora, talvez, o termo *Trinidade* seja melhor), outro termo foi cunhado no século 4 (começando com Gregório Nazianzeno, bispo de Constantinopla) que pode ajudar-nos ainda mais a visualizar o que Jesus estava descrevendo aos discípulos. É a palavra *pericorese* que vem de duas palavras gregas: *peri* (em volta, ao redor) e *chorein* (dar lugar, abrir espaço, ou rodar, da qual vem também a palavra *coreografia*). Na teologia, esta palavra significa coabitação, compartilhar completamente a vida um do outro sem, contudo, perder a identidade. Cada pessoa da Trindade se entrelaça completamente com as outras, contém e envolve as outras e, ao mesmo tempo, é contida por elas.

Tudo isso parece complicado (e realmente está além da nossa compreensão), mas o uso da palavra *pericorese* sugere uma figura que é bem mais fácil de entender. É a imagem de uma cantiga de roda, um tipo de coreografia em que uma pessoa dança, rodeando outra, e a outra dança rodeando a primeira. É uma dança dinâmica que envolve mudança contínua: ora uma pessoa está no centro, ora outra. A cada momento, os participantes estão numa configuração diferente. É como a dança judaica “Horah”, uma das mais antigas. São diversos movimentos, com essa alternância. As pessoas ficam de mãos dadas, quase o tempo todo. Assim, podemos chamar a *pericorese* de *dança da Trindade*.

Há algum tempo, os cientistas que geralmente procuram reduzir fenômenos da natureza a fórmulas naturais, definidas e bem previsíveis, descobriram algo semelhante à *pericorese* no mundo físico. O surgimento da mecânica quântica no início do século 20 trouxe uma visão bem diferente da estrutura interna do átomo, que é a unidade básica de toda a matéria. Antes, ima-

ginavam que cada elétron tinha uma órbita muito definida em torno do núcleo, mas, com os novos avanços na pesquisa, descobriram que essas órbitas não são tão precisas, e que os elétrons mudam de lugar constantemente. Fazem uma espécie de “dança” em volta do núcleo. Se o mundo material não é tão previsível, quanto menos o mundo ilimitado da divindade! Mesmo assim, como os cientistas, nossa tendência humana é sempre reduzir os mistérios da vida espiritual a princípios previsíveis e inflexíveis. Podemos aprender muita coisa sobre a natureza de Deus ao observar os fenômenos naturais – se tivermos olhos para ver!

Pericorese, então, descreve esse dinamismo dentro da Trindade. Existe um movimento contínuo em que um “entra” no outro; ora o Filho está dentro do Pai, ora o Pai está dentro do Filho. Da mesma forma, ora o Espírito é enviado pelo Pai (Jo 14.26), ora pelo Filho (Jo 15.26). É por isso que não conseguimos inventar um diagrama para representá-los, pois não possuem uma relação estática; não dá para formar uma imagem congelada, pois estão em movimento constante.

O aspecto mais admirável em tudo isso é que um entra no outro, mistura-se com o outro, se entrelaça com o outro, mas nenhum deles perde a identidade. O Pai está no Filho, mas não deixa de ser Pai; da mesma forma, acontece com o Filho e com o Espírito. Quando o Filho entra no Pai, os dois não se tornam a mesma pessoa. Cada um está coabitando o outro, cada um se doa, se oferece, sacrifica-se pelo outro, mas todos mantêm identidades claras e definidas. “Eu e o Pai somos um, eu estou no Pai e o Pai está em mim.” *Entra, sai, movimentada-se. Recebe, oferece, compartilha, busca o interesse do outro, protege e é protegido pelo outro. Esse é o modelo de unidade que Deus deseja para sua Igreja!*

Alguns perguntam: “Onde estava Deus quando Jesus foi pregado na cruz?”. “O Pai é a pessoa severa da divindade, aquela que castiga”, dizem. “Ele exige justiça e, por isso, castigou Jesus

no nosso lugar. Ele é duro, mas ainda bem que tem um Filho misericordioso!”

Ainda que haja certa verdade nisso, pois cada um tem características específicas, precisamos entender algo aqui. Onde estava o Deus severo e justo quando Jesus estava na cruz? Ele estava *em Cristo* na cruz também! “*Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo*” (2 Co 5.19)! Eles estavam juntos, sofrendo juntos, amando juntos, redimindo o mundo juntos!

Isso significa que não há diferença, que os dois são a mesma pessoa? Não! Há três pessoas: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Contudo, um vive dentro do outro. Isso dá um nó na cabeça!

Entretanto, vai ficar mais confuso ainda. Logo em seguida, Jesus disse: “Vocês estão em mim e eu estou em vocês!”. Aumentou ainda mais a confusão e a complexidade dessa dança. Mas que confusão maravilhosa! Todos se tornam um, mas ninguém perde sua identidade!

E meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada.

(Jo 14.23)

4

AMOR, VONTADE PRÓPRIA E UNIDADE

Vontade própria na Trindade

Quando falamos de unidade na Trindade, precisamos entender que não se trata de algo teórico nem místico. Tampouco é automático ou simples. “Claro que o Pai ama o Filho! Claro que o Filho ama o Pai. Nunca tiveram divergência. Se são um só, nem teriam como ter divergência. Não há possibilidade de um não amar o outro.”

Amor obrigatório ou automático não é amor. O amor requer mais de uma pessoa, mas também requer voluntariedade. Todos são um, mas, nessa *pericorese*, cada um tem sua própria identidade e vontade; ninguém perde sua personalidade. As pessoas da Trindade não são pessoas sem vontade própria, sem personalidade, como se fossem robôs ou autômatos. Se tivéssemos de nos anular para ser um com os outros, seria uma unidade imposta, cruel, destrutiva. Você deixaria de ser você, teria de perder sua identidade, suas características únicas.

Jesus veio mostrar-nos quem é o Pai e como podemos chegar a ele. A ideia não é conseguir chegar a ele para ganhar uma vantagem, um benefício, uma dádiva. A ideia é nos unir a ele,

entrar no mesmo relacionamento que já existe na Trindade. Mais uma vez, se não existe a Trindade, se a relação entre eles não é significativa e real, se temos apenas uma relação monoteísta com um Deus individualista, *o objetivo de Jesus não é alcançado*. Ele veio introduzir-nos numa dança dinâmica, numa dança que traz vida, que traz sentido, que *nos introduz ao amor*.

Um dos aspectos que Jesus precisou demonstrar para nós é como lidar com a vontade própria, que é a essência da nossa individualidade. Veja os textos a seguir:

Disse-lhes Jesus: A minha comida consiste em **fazer a vontade daquele que me enviou** e realizar a sua obra.

(Jo 4.34)

Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que ouço, julgo. O meu juízo é justo, **porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou**.

(Jo 5.30)

Porque eu desci do céu, **não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou**.

(Jo 6.38)

Jesus está dizendo que existe uma diferença entre a vontade dele e a do Pai. Eles são tão reais e distintos que cada um tem sua própria vontade. Não é que ele fizesse a vontade do Pai automaticamente porque nem tinha uma vontade independente. Apesar de ter uma vontade própria como indivíduo, ele não era governado por ela. Nos três textos acima, ele enfatizou que não veio para fazer a própria vontade, mas sim a do Pai.

Por outro lado, ele não precisava de grande esforço ou sacrifício para obedecer ao Pai, como se fosse uma decisão muito difícil ou penosa; ele afirmou que “procurava” a vontade daquele que

o enviou, ou seja, era algo voluntário que envolvia sua emoção e seus desejos. Ele tinha prazer em realizar a vontade do Pai.

Crise na Trindade

Chegou um momento, porém, em que houve uma tensão entre a vontade própria e a vontade do Pai que alcançou proporções imensas. Foi o momento mais difícil em toda a missão de Jesus aqui na Terra e, também, o momento mais crucial e cósmico em toda a história da humanidade. Da outra vez em que um ser humano precisou escolher entre a vontade própria e a vontade de Deus, numa decisão que afetaria toda a humanidade (no jardim do Éden), houve uma derrota muito trágica para os propósitos de Deus. Dessa vez, seria diferente, mas não sem dor, pois teria de travar uma batalha monumental que envolveria todo o seu ser.

Esse momento crucial ocorreu no Getsêmani logo antes da crucificação. Jesus veio à Terra para fazer a vontade do Pai, e sempre a fez com alegria e amor. Agora, porém, era necessário passar por uma agonia que nunca antes havia experimentado. Pela primeira vez, sua vontade pessoal entrou em choque com a vontade do Pai. Travou-se uma batalha intensa de dimensões incalculáveis. Podemos perguntar: o que teria acontecido se Jesus não tivesse aceitado a vontade do Pai? Não dá nem para imaginar.

Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, **não seja como eu quero, e sim como tu queres.** (...) Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, **faça-se a tua vontade.**

(Mt 26.39,42)

No evangelho de João, vemos essa mesma crise entre a vontade de Jesus e a vontade do Pai num momento um pouco anterior ao que foi registrado por Mateus no Getsêmani. Era época da festa da Páscoa, e alguns gregos, vindos de longe, tinham ouvido falar da fama de Jesus e queriam vê-lo. Quando recebeu essa notícia, Jesus respondeu: “*É chegada a hora de ser glorificado o Filho do homem*” (Jo 12.23).

O que os discípulos pensaram quando Jesus disse isso? O que seria essa glória? Quem sabe Jesus finalmente se revelaria como o grande rei e libertador dos judeus. Afinal, eles já acreditavam que Jesus era o Messias, o enviado de Deus para trazer o reino dos céus.

Mas Jesus nem foi falar com os ilustres visitantes. Ele não tinha tempo para pessoas “importantes”. A hora de o Filho do homem ser glorificado não era o que os homens esperavam. A explicação que deu logo em seguida deixou os discípulos ainda mais perplexos: “*Em verdade, em verdade vos digo: se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto*” (v.24).

Jesus estava mostrando que não era uma mera figura de linguagem: “eu estou no Pai e ele está em mim”. Era uma realidade que vivia na prática. Cada um na Trindade vive realmente para buscar o bem, o interesse e a exaltação do outro. Este é o significado de *pericorese*, a “dança da Trindade”, em que cada um sempre procura a glória do outro.

5

GLÓRIA E UNIDADE

Deus procura sua própria glória?

Os teólogos dizem, com razão, que Deus é o único ser no Universo que teria direito a buscar a própria glória. É o único que não seria egoísta ao fazer isso, porque tudo o que há nos céus, na terra e no mundo espiritual depende dele. Por isso, quando ele procura estabelecer aquilo que é bom para si mesmo, para o seu próprio bem e para a sua glória, na verdade está buscando o único caminho para o bem-estar de todos.

Porém, dentro do contexto que estamos examinando aqui, devemos qualificar um pouco mais essa afirmação. Se Deus é supremo e soberano, um ser solitário e individual que procura sua própria glória e que tem direito a fazer isso justamente por ser Deus, como ele se multiplicaria dentro de nós? Ainda que eu não tenha direito a usar esse argumento, por que eu não poderia, como alguém que foi criado à imagem dele, procurar a minha glória também?

A resposta é que, na própria Trindade, ninguém procura sua glória ou seu interesse individual, mas somente a glória do outro, a glória da “comunidade”, o interesse “comum”. É assim que a

Trindade vive a unidade e é a chave para que a Igreja também a viva. Deus jamais exigiria de nós o que ele mesmo não tivesse experimentado na prática, sendo um de nós.

O Pai não quer concentrar tudo nas mãos dele, pois seu prazer é entregar tudo ao Filho; o Filho desceu do céu, não para fazer a sua vontade, mas a daquele que o enviou. O Espírito Consolador não veio para falar das suas coisas, mas para falar de Jesus. Jesus disse que não se importa tanto se você falar mal dele, mas fale mal do Espírito para você ver! Nenhum deles está preocupado consigo mesmo; nenhum busca a própria glória.

Por isso, quando você ouve a afirmação de que Deus procura sua própria glória, pense um pouco para colocá-la no contexto certo!

O que é ser glorificado?

Veja neste contexto que estamos examinando. Jesus disse para os discípulos que havia chegado a hora de ser glorificado. Como ele seria glorificado? Se nem foi falar com os gregos, certamente não seria por receber reconhecimento de pessoas importantes.

Quem ama a sua vida perde-a; mas aquele que odeia a sua vida neste mundo preservá-la-á para a vida eterna. Se alguém me serve, siga-me, e, onde eu estou, ali estará também o meu servo. E, se alguém me servir, o Pai o honrará. Agora, está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora. Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei.

(Jo 12.25-28)

A hora de Jesus ser glorificado era a hora de cair na terra e morrer. Era a hora de perder a própria vida. E o que seria perder a vida?

Era abandonar a própria vontade e fazer a vontade do Pai. Ele sabia que estava aproximando-se do Getsêmani e do Calvário. Era a hora de maior perda e, também, a hora de maior glória. Era a hora de o Filho ser glorificado porque era a hora em que glorificaria o Pai.

“Perder a vida” é a verdadeira entrega, é a *pericorese*, a mais genuína alegria: cada um se doando ao outro, perdendo tudo, mas na verdade ganhando tudo. O Filho não perdeu nada ao dar tudo ao Pai, nem o Pai perdeu coisa alguma ao dar tudo ao Filho. Você acha que eles perderam alguma coisa? Quem ama a sua vida vai perdê-la, mas quem perder a sua vida vai achá-la! É maravilhoso, mas é um processo que nos custa muito, é muito doloroso para a nossa humanidade. Jesus mostrou o caminho nos seus ensinamentos, mas ele o viveu também! Ele não nos pediria isso se não o tivesse vivido primeiro.

A alma de Jesus estava angustiada. Podemos até dizer que essa angústia era de sua alma ou natureza humana, mas a natureza humana e a divina estavam totalmente unidas e mescladas nele. *Jesus* estava angustiado. Com todas as forças, ele clamou: “Pai, passa este cálice de mim. Eu não o quero. Quero a minha vida, eu amo a minha vida! Entretanto, foi para perdê-la que eu vim!”.

O grande obstáculo à unidade

É com muita tristeza e dor no coração que afirmo: temos um Cristianismo monoteísta, hoje, que quer receber benefícios de Deus, mas que não entende o que é a Trindade, não entende para onde e para que essa Trindade nos chamou. Somos cristãos que amamos nossa própria vida e achamos que Deus deve ajudar-nos a ganhá-la, não a perdê-la. E amar a própria vida é o que traz divisão ao Corpo!

“*Oh! Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos!*” (Sl 133.1). Esse é o nosso alvo, mas como alcançá-lo? A Trindade é o

nosso paradigma! É o modelo de unidade e perfeição para a Igreja. Jesus repetiu várias vezes que a relação que tinha com o Pai era a mesma que estava oferecendo aos discípulos. Está além de nós, parece impossível, mas foi Deus quem nos chamou para entrar na *pericorose* com ele. Nós não precisamos inventar a unidade, graças a Deus, apenas entrar naquela que já existe na Trindade! É só entrar na “dança” deles. Perca a sua vida, passe pela angústia juntamente com Deus e com os irmãos, mas entenda que esse é o seu propósito, é o seu chamado de vida!

O grande conflito da alma humana, da humanidade caída é que amamos a própria vida. Ao olhar para a unidade da Trindade, ficamos encantados; mas, por amar a nós mesmos, não queremos entrar na sua “dança”.

Assim como Jesus, teremos de escolher entre as duas orações que podem ser feitas nessa hora: “*Pai, salva-me dessa hora!*” (uma oração perfeitamente legítima) ou: “*Pai, glorifica o teu nome!*”. Quando Jesus escolheu a segunda, na mesma hora o Pai respondeu do céu: “*Eu já o glorifiquei e ainda o glorificarei*”.

Como Jesus foi glorificado? Ele foi glorificado ao glorificar o Pai. É assim que funciona a *pericorese*. É assim que funciona a Trindade. E é para essa dança que fomos convidados, para participar da mesma vida e da mesma unidade.

Que tipo de glória?

Seria impossível falar sobre essa dança sem mencionar João 17 e a oração de Jesus.

Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; **glorifica a teu Filho**, para que o Filho te glorifique a ti.

(Jo 17.1)

O que é a glória da Trindade? O que é a glória da Igreja? Existem várias explicações que, dependendo da perspectiva, podem ser perfeitamente válidas. Mas Jesus estava usando a palavra *glorificar* aqui com o mesmo sentido que usou no capítulo 12, ou seja, no contexto da morte. É claro que a morte em si não é glória, é o *caminho* para a glória. Jesus voltará segunda vez para ser glorificado, o que envolve, logicamente, muitas coisas: toda língua confessar que ele é Senhor, todo joelho se dobrar, as potestades malignas se renderem, além de tantas outras.

Mas Jesus não estava falando sobre esse tipo de glória por mais que seja importante. Deus não precisaria ter desenvolvido todo o drama da história humana para poder chegar ao alvo final de ser adorado e glorificado por todo ser vivo. Ele poderia ter derrotado Satanás com um simples sopro ou estalar de dedos; poderia ter sujeitado tudo e todos aos seus pés com apenas uma palavra. Portanto, “glória” para Deus deve ser muito mais do que isso.

Jesus disse: *“Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto”* (Jo 15.8). O que é fruto? Qual é o fruto que Deus está querendo? Ele quer mais gente nessa “dança”, mais pessoas na unidade da Trindade! Deus é glorificado cada vez que um indivíduo independente, com vida própria e por vontade própria se doa, se esvazia e se entrega a ele!

E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade. Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; **a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós**; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido **a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade**, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim.

(Jo 17.19-23)

Jesus deu aos discípulos a mesma glória que recebera do Pai. Que glória foi essa? De um habitar totalmente dentro do outro, de um ser perfeitamente unido e em harmonia com o outro! Jesus entregou-se totalmente ao Pai, entregou toda a sua vontade própria, veio à Terra não para agradecer a si mesmo, mas para fazer tudo o que agrada ao Pai. Ele não veio para cumprir uma missão pessoal nem para desenvolver seu próprio projeto. E o Pai glorificou a Jesus dando tudo a ele – uma entrega mútua e completa. Isso é *pericorese*, isso é alegria, isso é realização, isso é unidade!

Por que o Pai ama o Filho? Porque o Filho lhe entrega sua vida espontaneamente:

Por isso, o Pai me ama, **porque eu dou a minha vida** para a reassumir. Ninguém a tira de mim; pelo contrário, **eu espontaneamente a dou**. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai.

(Jo 10.17,18)

E por que o Pai nos ama agora da mesma forma que amou o Filho? Porque faremos a mesma entrega e entraremos na mesma dança. O que perderemos com isso? Tudo! Só isso: tudo. O que ganharemos? Muito mais do que tudo! Jim Elliot, missionário norte-americano que se tornou mártir em 1956 numa tribo indígena no Equador, disse: “*Não é tolo aquele que dá o que não pode guardar para ganhar o que não pode perder*”. Quem perde a sua vida não está perdendo nada. Ninguém conseguirá conservar nada do que tem aqui.

O convite

Jesus tinha uma vontade, e ele a usou para fazer um pedido especial ao Pai:

Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo.

(Jo 17.24)

A glória que Jesus quer nos mostrar não é o seu trono, nem sua coroa, nem as legiões de anjos que o servem; ele quer que vejamos o amor com que o Pai o amou “*antes da fundação do mundo*”.

Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. **Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.**

(Jo 17.25,26)

Nós precisamos conhecer e compreender que Deus é UM somente por causa desse processo de *pericorese*, de cada um se doar ao outro. Nós não conhecemos esse Deus direito. Particularmente, estou bem atrasado nessa aprendizagem! Temos um só Deus, mas como ele é um?

É interessante observar que, na tradução hebraica do Novo Testamento, podemos ver a mesma palavra *echad* que vimos no Velho Testamento em três contextos diferentes. Quando Jesus se refere ao Deus único e verdadeiro, a palavra usada é *echad*: “... *porque um só é vosso Pai*” (Mt 23.9; veja também Mc 10.18). Depois, em João 10.30, Jesus diz que ele e o Pai são **um** (*echad*). E, finalmente, em João 17.21, ele ora para que nós sejamos **um** (*echad*) com o Pai assim como o Filho é um com ele!

Esse é o paradigma, esse é o caminho. Não precisamos criar nada, apenas aceitar o convite, entrar e conhecer a Deus como ele realmente é. Precisamos conhecer mais desse amor ágape que é Deus. Quero aprender a dar, a perder a minha vida e entrar no mesmo relacionamento que a Trindade já vive!

Como podemos entrar nessa dança? Não é muita ousadia achar que podemos fazer parte disso? Porém, esse é o convite que o Senhor nos faz hoje como Igreja!

IMPACTO

PUBLICAÇÕES

Caixa Postal 391 - CEP 13465-970
Americana/São Paulo - Brasil
Fone: (19) 3462.9893 / 3407.7677
www.revistaimpacto.com.br
contato@revistaimpacto.com.br